

ARTE CONTEMPORÂNEA: INJUNÇÕES TEMPORAIS E ARTICULAÇÕES COM O ESPECTADOR

Aletea Hoffmeister Mattes - UDESC
Rosângela Cherem - UDESC

Resumo: Este artigo considera certas conexões temporais que persistem na arte contemporânea, particularmente algumas noções operatórias advindas de outros momentos da História da Arte, bem como a multiplicidade de procedimentos da atualidade. A partir dos trabalhos de Márcia Xavier, Elaine Tedesco, Walmor Corrêa e Hélio Ferverza, aborda como estas articulações produzem estratégias de aproximação com o espectador, envolvendo-o através da sedução e do estranhamento.

Palavras-chave: conexões temporais, multiplicidade, espectador.

Abstract: *This article considers some temporal connections that persist in contemporary art, in particular procedures stemming from other moments in history of art, as well as the multiplicity of today's proposals. From the work of Márcia Xavier, Elaine Tedesco, Walmor Corrêa and Hélio Ferverza, discusses how these connections produces strategies to bring the spectator closer, involving him by the strangeness and seduction.*

Keywords: *temporal connections, multiplicity, viewer.*

Das grutas de Lascaux à arte contemporânea

Entender a arte contemporânea pressupõe primeiramente entender o que é arte, o que, por si só, já é bastante complexo visto que o entendimento do que é arte muda ao longo dos tempos e é variável conforme a localização da sua produção. Como escreveu Tassinari (2001, p.133), “a questão é histórica”, visto que conceitos se alteram e novos termos surgem na medida em que as articulações entre arte, técnica e atividade humana são reestruturadas.

Ao considerar as pinturas pré-históricas das grutas de Lascaux, pode-se dizer que arte é representação, que talvez se relacione ao pensamento místico do ser humano, que é feita para lugares secretos. Por outro lado, basta referenciar a arte grega e tem-se o discurso de que a arte é excelência da técnica em busca da perfeição e do majestoso. Quando surge o império

bizantino a arte destaca seu potencial didático, instruindo sobre o cristianismo e o poder do imperador através de impressionantes mosaicos. Ou seja: comparando quaisquer períodos da História da Arte identificamos contínuas mudanças da compreensão do que é a arte e percebemos o quanto esta palavra pode ter abrangências distintas.

Quando chegamos à modernidade, é possível identificar muitos artistas que trabalham com a arte considerando os posicionamentos do teórico Clemente Greenberg, para o qual arte revela o antiilusionismo e a planaridade da pintura, ressaltando ainda que cada meio de expressão deve ser puro: as técnicas não se misturam. Contudo os avanços tecnológicos e transformações urbanas do início do século XX se propagaram intensamente com o passar das décadas e assim, a mudança na concepção de arte é ainda maior na segunda metade do século, quando os artistas já questionam os paradigmas da modernidade e se deixam impregnar pelas novidades do seu tempo. Conforme Cattani:

Abriam-se também às novas possibilidades oferecidas à visualidade pela fotografia, pela iluminação à gás e depois elétrica, pela velocidade dos novos meios de locomoção, pela nova realidade da vida urbana, e ainda outros aspectos que a modernidade econômica, social e política trazia à vida cotidiana, especialmente nas novas e fervilhantes cidades. (CATTANI, 2007, p.23).

A compreensão do que é a arte se transforma intensamente no período moderno e continua a mudar e trazer inúmeros questionamentos na contemporaneidade.

Ao considerarmos que a arte produzida hoje é desdobramento de tudo que foi feito anteriormente – se não por motivos intencionais, pelo menos por sucessão cronológica – e é também uma conexão temporal na qual se encontram tantos momentos, percebemos o quão complexo é discorrer sobre ela. Tal complexidade se intensifica pelo fato da arte estar em movimento, desenvolvendo-se junto conosco, o que não permite termos o mesmo distanciamento temporal que temos das produções de séculos passados, as quais podem ser analisadas com maior segurança. Trajetórias em formação

são elementos instáveis para análise, pois as produções, com o passar de algum tempo e conforme o percurso escolhido pelo artista, podem se revelar coerentes ou equivocadas. Soma-se a isso a dificuldade de acompanharmos a produção atual, num circuito no qual, é preciso admitir, misturam-se propostas consistentes a outras insustentáveis.

A tarefa não é fácil, “o conceito de arte se tornou tão vasto que nada parece deter a acolhida” (TASSINARI, 2001, p.134), ou, se insistir-se em elaborar um conceito, ele não será definitivo, pois

ele é móvel e mutante, necessariamente inclusivo, talvez incerto e informe, marcado pelas transversalidades possíveis que os fazem avançar de modos oblíquos e pelos sentidos que escorregam pelos vãos e frestas ou que se materializam entre dois ou mais elementos. Ele é, sobretudo, aberto ao devir que acompanha a arte existente e aquela que se elabora sob os nossos olhos, nas condições, nas lutas e nos encontros do presente. (CATTANI, 2007, p.33).

As inquietações e dúvidas que fazem parte de um possível conceito que se refira à produção de hoje, são intrínsecas à própria arte contemporânea. E talvez sejam justamente essas inquietações e dúvidas que instigam o pensamento teórico e a produção artística, pois elas inspiram e desafiam a busca de uma análise coerente dos aspectos que se destacam na atualidade dinâmica do campo artístico atual.

Injunção de tempos, procedimentos e noções operatórias

Se por um lado a arte contemporânea inicia como uma oposição às teorias de Greenberg e aos paradigmas modernos, através dos quais cada movimento artístico tinha bem definida e diferenciada sua proposta inicial, por outro lado é preciso reconhecer que alguns procedimentos da contemporaneidade iniciaram nos tempos modernos. Happenings já aconteciam com o surrealismo e o dadaísmo; Duchamp problematizou a arte

com apropriações e instalações; vídeos-arte e fotomontagens datam do início do século XX.

Reconhecido isto, é fácil compreender que a arte atual movimentar-se para muito além de uma postura inicial de rompimento com o moderno. A arte contemporânea pode fazer uso de noções operatórias e idéias presentes nos anos modernos, no período “pré-moderno” e no clássico. Pode ainda beber em todas estas fontes, impregnar-se da atualidade e avançar para além, pois “no momento contemporâneo, constata-se que a arte é campo de experimentação, no qual todos os cruzamentos entre passado e presente, manualidade e tecnologia, materiais, suportes e formas diversos se tornam possíveis” (CATTANI, 2007, p.25).

Essa multiplicidade de possibilidades está ligada às questões desta época. Novaes diz que estamos na era do esquecimento, na era “das coisas vagas” (NOVAES, 2008, p.24), devido à velocidade frenética da tecnologia que intensifica as mudanças e o acúmulo assustador de novas criações, mantendo-nos num presente eterno e sem memória. Sua visão se revela pessimista: “vivemos uma época prodigiosamente vazia, na qual concepções políticas, crenças, idéias, sensibilidades, enfim, formas de existência e visões de mundo que antes pareciam dar sentido às coisas perdem valor” (NOVAES, 2008, p.15).

Não há como negar a realidade pesarosa desvelada por Novaes, mas percebemos que o momento é, ao mesmo tempo, de avanços e retrocessos - e aqui nos referimos aos sentidos positivos e negativos de cada um destes movimentos. É o tempo das grandes evoluções tecnológicas e da destruição através da tecnologia; dos resgates históricos e da perda de memória; do respeito à individualidade e da falta de privacidade; das descobertas constantes da medicina e da artificialidade da vida; da consciência ecológica e das alterações climáticas; do preenchimento e do esvaziamento da alma. Todas estas questões e tantas outras que estão presentes no cotidiano, podem ser assunto da arte, visto que é próprio dos artistas (em especial após os anos 90), uma postura que:

se engaja em tentativas de restabelecer na arte um sentido para provocar algum tipo de postura diante do mundo e da vida. A abordagem cultural proposta na leitura da obra de arte segue em uma perspectiva que considera as obras artísticas como mediadoras de significados sobre o tempo e o espaço nos quais surgem. (MAKOWIECKY, 2005).

Grande parte dos artistas contemporâneos (como em toda a História), revelam o pensamento de sua época e suas obras permeiam as questões políticas, religiosas, econômicas e sociais que os envolvem. Como disse Barbara Kruger para revista *Art in América*, em 1997: "Fazer arte é materializar sua experiência e percepção sobre o mundo, transformando o fluxo de momentos em alguma coisa visual, textual ou musical. Arte cria um tipo de comentário" (KRUGER apud MAKOWIECKY). Assim, temos como alguns dos temas principais na arte de nossos dias, questões como memória, corpo, identidade, estranhamento, coletividade, urbanidade.

Temos como exemplo a artista Márcia Xavier¹, que dialoga com alguns dos temas citados quando insere fotos aéreas de locais bastante conhecidos em objetos óticos, alguns criados por ela (cilindros, superfícies côncavas e convexas...) e outros tradicionais (binóculos, lunetas, telescópios...). Estes trabalhos resultam em imagens surpreendentes, que reverberam aspectos próprios da cidade e provocam seus habitantes. Uma dessas obras é "Aeroporto Santos Dumont"².



Márcia Xavier

Aeroporto Santos Dumont
2005

Alumínio, fotografia e caixa de luz
60 x 80 cm

Fonte: www.casatriangulo.com/site.htm
Imagem adaptada pela autora.

“Aeroporto Santos Dumont” é um cilindro de alumínio que contém uma foto aérea do aeroporto citado no título da obra. A fotografia é aplicada sobre uma caixa de luz que fica na base do cilindro. A imagem se reflete e se prolonga através das paredes internas desse cilindro, que é revestido com um espelho de distorção. Se o espectador optar por movimentar-se no entorno da obra, o conteúdo se modifica diante de seus olhos, devido ao efeito visual criado pelos reflexos da imagem no espelho. A fotografia se amplia e se transforma na medida em que o observador circula, variando o posicionamento e a altura de seu campo de visão. A imagem de natureza estática ganha movimento e chega a permear os limites da abstração, ela se desorganiza e se reconstrói. Márcia Xavier revela a cidade como um organismo vivo e instável.

Seria uma metáfora deste mundo no qual vivemos? Este mundo no qual os acontecimentos são compreendidos conforme o ponto de vista particular de cada indivíduo? E como se define o trabalho: fotografia, objeto, instalação? É possível buscar alternativas para tais questões, mas, o enfoque neste momento é reconhecer que a arte pergunta mais do que responde. Provoca mais do que acalma.

A idéia geradora das obras e seu conteúdo são aspectos tão importantes quanto a forma de apresentá-las, por isso a contemporaneidade também é marcada pela reunião de diversos materiais e procedimentos. O avanço da tecnologia e a disponibilidade de técnicas possibilitam a ampliação dos recursos para a produção dos trabalhos, e os artistas podem utilizar, além dos materiais considerados tradicionais, inúmeros outros meios: fotocópia, colagem, adesivo, imagem digital, imagem virtual, vídeo, som, luz, objetos do cotidiano, o próprio corpo, os ambientes já existentes...

Neste sentido, podemos pensar na série “Sobreposições Imprecisas” da artista Elaine Tedesco³. Para tal série, primeiramente são criadas as imagens feitas com diapositivos de dupla exposição fotográfica, os quais resultam numa sobreposição de elementos. Os diapositivos revelam que os elementos fotografados são de naturezas diversas: horizontes, paisagens urbanas, interiores de prédios e casas. Depois, é escolhida a seqüência destas imagens e o tempo de apresentação de cada uma. Então é efetuada a busca do local no

qual a seqüência será projetada: a parede externa de um prédio, o interior de um galpão, o vão de uma janela... Através da projeção de luz sobre ruas e construções sombrias, as imagens instalam-se no contexto da cidade e durante o breve tempo em que são expostas, tornam-se indissociáveis dele. Os limites dos procedimentos são ultrapassados, pois temos a articulação de fotografia, projeção de imagem-luz e o uso dos próprios espaços de apresentação, como uma instalação. Além disso, cada vez em que as imagens são apresentadas em outro lugar, se modificam, visto que o suporte acaba por ser alterado. Percebemos assim que a abrangência das possibilidades de produção se amplia cada vez mais e os resultados são inúmeros.



Elaine Tedesco

Da série *Sobreposições Imprecisas*
Mostardas, outubro de 2002

Projeção sobre parede

Fonte: www.comum.com/elainetedesco
Imagem adaptada pela autora.



Elaine Tedesco

Da série *Sobreposições Imprecisas*
Porto Alegre, 2002

Fonte: www.comum.com/elainetedesco
Imagem adaptada pela autora.

“Sobreposições imprecisas” demarcam antagonismos: as imagens de luz e o ambiente escuro ao seu redor, a evidência dos elementos e a indefinição de seus limites, as cenas que surgem e seu desaparecimento após determinado período. A sobreposição de texturas, contornos, cores e superfícies, demarca conteúdos: verdade e ilusão, presença e ausência, memória e esquecimento, lugares e tempos. A soma de procedimentos advindos do uso de diferentes recursos técnicos empregados por Elaine Tedesco, não tem um fim em si mesmo, é recurso coerente para a abordagem de sentidos que a obra se propõe.

A arte contemporânea permite apropriações de elementos do cotidiano, de imagens de outras obras de arte, há ainda as obras que se desdobram em séries, trabalhos coletivos, a coexistência de imagem e palavra... Ou seja: há uma vasta disposição para o estudo e para a experimentação, levando os artistas a realizarem uma verdadeira fusão de linguagens, associando materiais e técnicas em cruzamentos que se ampliam a diversas áreas do saber.

Segundo Cattani (2007), poderíamos usar o termo *mestiçagem* para caracterizar a arte contemporânea, devido a essa infinitude de possibilidades que coexistem e/ou se interligam nas produções atuais. A mestiçagem implica em heterogenidade, pois acolhe os diferentes elementos que envolve, permitindo que permaneça a diversidade; não funde todos, dissolvendo suas características em algo homogêneo. Por isso, é característica da arte de hoje manter em seu interior os paradoxos, o que não poderia ser diferente, considerando que esta é uma época em que coexistem inúmeras questões não resolvidas na área ética, econômica, social e racial, as quais são contínuos pontos de tensão nas relações pessoais e globais.

Transcrevendo Makowiecky “a arte contemporânea concede a perda de autonomia e da certeza da forma e ganha, com isso, a capacidade de tornar-se múltipla de sentidos” (MAKOWIECKY, 2005), assim poderíamos dizer que a produção contemporânea resulta numa multiplicidade de resultados visuais e conteúdos, pois há diálogo entre artistas e obras, há trabalhos que se inter-relacionam, mas há também inúmeras e diferentes abordagens e caminhos sendo seguidos.

Articulações com o espectador

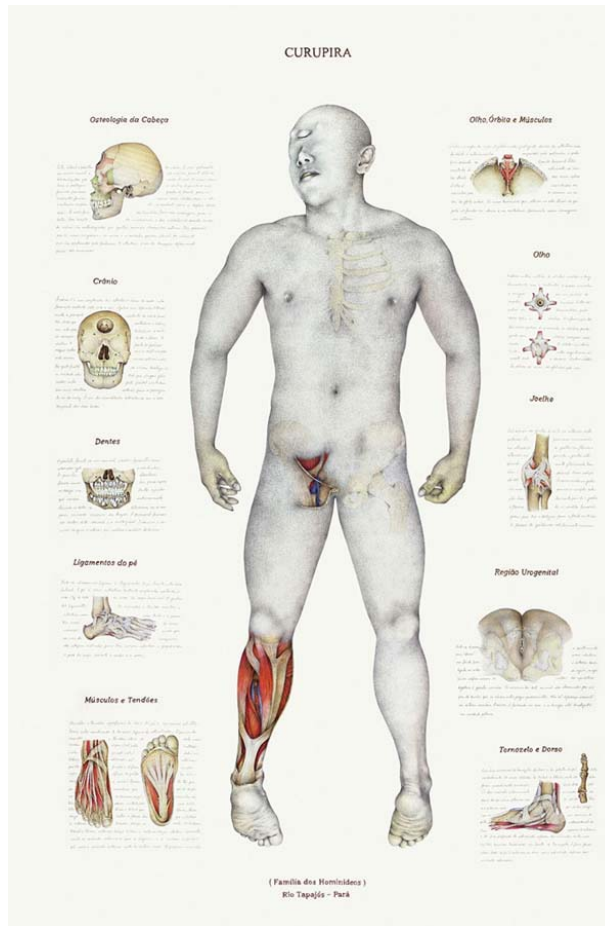
Se o entendimento do que é arte hoje implica em entender seu relacionamento com os movimentos artísticos precedentes e com contexto atual, e se estes relacionamentos se desdobram em uma produção contemporânea que tem como fortes características a mestiçagem e a multiplicidade, é evidente que a relação do espectador com a obra de arte também não se estabelece de forma simplista.

A obra, como instância final de um processo artístico, carrega todas as forças e possibilidades que a criaram e é ela o elemento que corporifica a arte. Sendo assim, toda potência está na obra, que por si só é capaz de tocar, impactar, comover, instigar. Essa força que sempre levou o indivíduo à contemplação através do simples contato com a presença da obra permanece latente na produção contemporânea. Contudo é preciso reconhecer que, devido à complexidade atual, a aproximação entre a obra e o público pode ser intensificada conforme a postura do espectador.

Para apreciar uma obra sempre foi fundamental aguçar a sensibilidade e a percepção estética, analisar a composição, observar os detalhes e olhar o todo. Mas, se em 1961 o filósofo Adorno já escrevia: “Hoje, aceitamos sem discussão que, em arte, nada pode ser entendido sem discutir e, muito menos, sem pensar” (ADORNO apud ARCHER, 2001, p. IX) quanto mais hoje, torna-se significativo que além de olhar, busque-se referências, procurando informar-se sobre o contexto que envolve as produções e até sobre a trajetória do artista, porque muitos recorrem a acontecimentos pontuais, ou à História da Arte, ou a outras áreas específicas de conhecimento para embasar suas problemáticas e estruturar novos sistemas de signos. Visto desse modo, o espectador que possuir informações relacionadas às obras, poderá ter um aproveitamento ainda maior da produção artística e experimentar o prazer não apenas do deleite visual, mas também do enriquecimento da bagagem pessoal.

Neste sentido, temos a série de pinturas de seres híbridos, de Walmor Corrêa⁴. Através do contato inicial, o espectador pode questionar a existência

de tais animais na vida real e impressionar-se com a minúcia da técnica das obras.

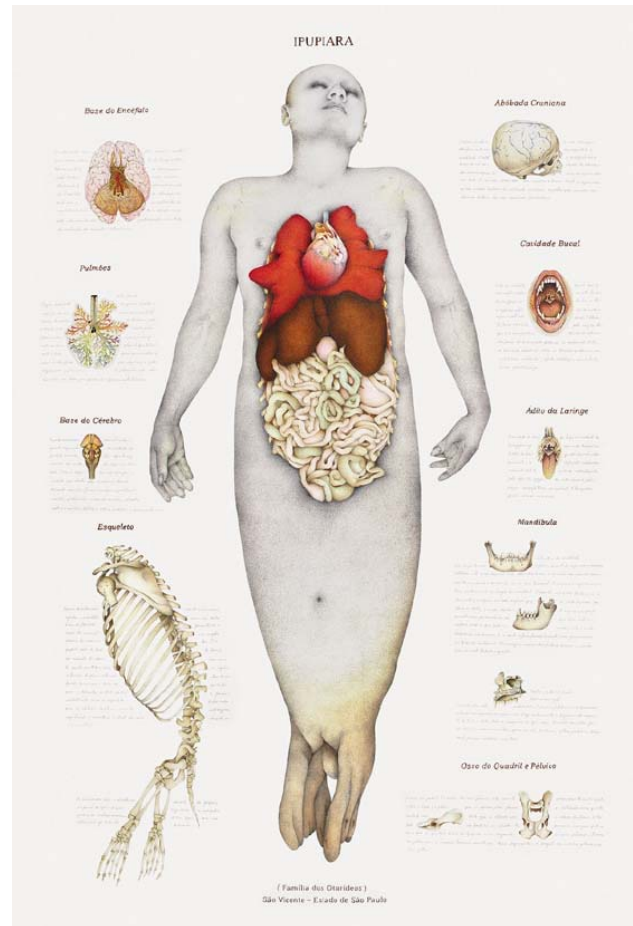


Walmor Corrêa

Curupira
2005

Acrílica e grafite sobre tela
195 x 130 x 3,5 cm

Fonte:
www.walmorcorrea.com.br/pag_expo.htm
Imagem adaptada pela autora.



Walmor Corrêa

Upupiara
2005

Acrílica e grafite sobre tela
195 x 130 x 3,5 cm

Fonte:
www.walmorcorrea.com.br/pag_expo.htm
Imagem adaptada pela autora.

Se o espectador for além, se inteirar-se sobre a proposta do artista, sua leitura certamente se ampliará. Por exemplo, ao saber que para criar as imagens tão detalhadas, acompanhadas de textos (também traçados à mão) formados por vocabulário científico, o artista entrevistou médicos e especialistas, buscando respostas possíveis para o funcionamento fisiológico dos seres imaginários, o público poderá gastar muito mais tempo na apreciação das pinturas, lendo as incríveis descrições que as acompanham.

Através da busca de informações pode-se também chegar às palavras do próprio Walmor Corrêa:

Minha intenção com a série sempre foi a de provocar o estranhamento, resgatando esses seres do imaginário popular e trazendo-os para a luz da ciência – dessa mesma ciência que se engana a todo momento, que a todo instante descobre que aquilo que era verdade não é mais, e vice-versa... Quando eu pego esses seres do imaginário popular e faço a dissecação, é como se a ciência mostrasse o funcionamento deles, a fisiologia; é como se a ciência atestasse a existência deles. Ora, se aquele ser é uma sereia e se uma sereia vive no fundo das águas, ela deve ter um dispositivo para evitar a embolia! E eu explico isso na obra, a partir da dissecação, e vou comprovando, assim, a existência desse animal. E quando eu tiro esse animal da vida das pessoas, lá da dona Maria, da Amazônia, que viu uma sereia e tal... quando eu tiro essa informação do cotidiano e a coloco num formato que remete ao compêndio de ciências, estou dizendo à dona Maria que aquilo no qual ela acredita é verdade.⁵

Percebe-se assim que a soma destes dados à apreciação das obras, permite ao espectador compreender a postura irônica do artista em relação à ciência e aos conhecimentos tidos como absolutos, ao mesmo tempo em que sua sensibilidade valoriza a cultura popular e cria imagens que assumem a possibilidade da fantasia.

Quando se analisa a relação entre espectador e obra contemporânea, é preciso lembrar que há também as obras destinadas à ação específica do público, obras que propõem a ação sobre um corpo físico ou na rede virtual. Estes trabalhos que convidam a participação no fazer da obra, expandem limites do desenvolvimento de um procedimento individual e autoral. No projeto “*Arquipélago*” de Helio Ferverza, temos esta situação: o projeto iniciado em 2006 e que está ainda em andamento, consiste em uma página virtual⁶ composta por imagens tridimensionais e palavras, cada vez que um internauta acessa a página, ela é programada para se ampliar no *ciberespaço* e desta forma o trabalho tem continuidade e se modifica. Volta à tona a problematização não apenas da autoria da obra, já que o público participa da criação, como também levanta a questão sobre qual o papel e o poder do

espectador. Para Couchot (2003), obras que permitem essa interferência não são mais o fruto exclusivo da gênese criada pelo artista, pois se produzem no decorrer do diálogo quase instantâneo e em tempo real que propõem ao público.



Hélio Ferverza

Arquipélago
2002

Imagem de abertura da página
virtual disponível em
<http://www6.ufrgs.br/arquipelago>

Imagem adaptada pela autora.

Enfim, as boas produções da arte contemporânea podem levantar questões que remetem a toda História da Arte, assim como são capazes de evidenciar aquilo que é próprio da atualidade, através de estratégias de aproximação com o espectador que podem envolvê-lo através da sedução e do estranhamento. Deve-se considerar que “uma obra contemporânea nunca se destaca inteiramente do espaço e do mundo em comum” (TASSINARI, 2001, p.143) e principalmente:

é um fato novo na história da arte que [...] o fazer da obra, com a conseqüente comunicação entre o mundo da obra e o mundo em comum, desenhe para o espectador uma estrutura intersubjetiva que ele encontra ressaltada também em outros âmbitos de sua vida. (TASSINARI, 2001, p.151).

Podemos ainda lembrar as palavras de Archer: “Observar arte não significa ‘consumi-la’ passivamente, mas tornar-se parte de um mundo ao qual pertencem essa arte e esse espectador. Olhar não é um ato passivo; ele não faz com que as coisas permaneçam imutáveis” (ARCHER, 2001, p.235). É evidente que para apreciar significativamente a arte contemporânea é preciso

expandir o olhar, mirando os acontecimentos do mundo e sua história. Bem como, para compreender melhor o mundo da nossa época, é preciso expandir a capacidade de reflexão, mirando de forma crítica e sensível a produção de arte contemporânea.

Notas

¹ Márcia Xavier nasceu em 1967 em Belo Horizonte (MG). Atualmente vive e trabalha em São Paulo.

² A obra “Aeroporto Santos Dumont” faz parte da coleção Gilberto Chateaubriand, a qual está sob a guarda do MAM do Rio de Janeiro.

³ Elaine Tedesco nasceu em 1963 em Porto Alegre (RS), onde vive e trabalha. É mestre em poéticas visuais, artista plástica e professora universitária. Entre diversas exposições e premiações, seu currículo inclui a participação na Bienal de Arte de Veneza em 2007.

⁴ Walmor Corrêa nasceu em 1961, em Florianópolis(SC). Atualmente vive e trabalha em Porto Alegre.

⁵ Parte de entrevista à Paula Ramos, em 25 de fevereiro de 2008, para o site Canal Contemporâneo. In: <http://www.canalcontemporaneo.art.br/blog/archives/001608.html>.

⁶ In: <http://www6.ufrgs.br/arquipelago>

Referências

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CATTANI, Icleia Borsa (org.). **Mestiçagens na arte contemporânea**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

COUCHOT, Edmond. **A Tecnologia na Arte: da fotografia à realidade virtual**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

TASSINARI, Alberto. **O espaço moderno**. São Paulo: Cosac Naify Edições, 2001.

MAKOWIECKY, Sandra. A arte, a cidade e as culturas jovens urbanas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA: PESSOA E SOCIEDADE: PERSPECTIVAS PARA O SÉCULO XXI, 2005. **Anais do Congresso Internacional Pessoa e Sociedade: Perspectivas para o Século XXI**. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2005, v. 1. p. 102-102. Resumo. Texto integral no prelo.

NOVAES, Adauto (org.). **Mutações**. São Paulo: edições SSC SP, 2008.

RAMOS, Paula. **Walmor Corrêa: o estranho assimilado**. Canal Contemporâneo, 2008. <www.canalcontemporaneo.art.br/blog/archives/001608.html> Acesso em: 25 jan. 2009.

Aletea C. Hoffmeister Mattes: Mestranda em Teoria e História da Arte do programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC. Bacharel em Artes Visuais (Feevale-1999) e especialista em Poéticas Visuais: Gravura, Fotografia e Imagem Digital pela (Feevale-2007). Professora de História da Arte e coordenadora do Centro de Artes e Design de Florianópolis.

Rosângela Miranda Cherem: Orientadora; Doutora em História (USP-1998) e Literatura (UFSC-2006). Professora de Teoria e História da Arte no PPG de Artes Visuais - DAV- CEART-UDESC. Coordena um Grupo de Estudos sobre Sensibilidades e Percepções (cadastrado no CNPQ). Em conformidade com esta temática vem realizando pesquisas, orientações e publicações.